

**CORPORALIDADES-DIGITAIS:  
SOBRE METODOLOGIAS DE PESQUISA DOS ENCONTROS ENTRE  
CORPOS-CIBORGUES-DIGITAIS**

Mariana Zuaneti Martins<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo problematiza metodologicamente desafios etnográficos para a investigação sobre o corpo e suas relações no contexto atual. Atravessando pelas perspectivas de corporalidades, dos ciborgues e as novas possibilidades de experiências e relações na contemporaneidade, apresento a etnografia digital, como uma forma de apreender a rede de relações que corpos estabelecem na construção de vínculos, de sentidos e identificações. Para tanto, apresento uma argumentação sobre a relação entre corpos, natureza e cultura, com suas consequências para a constituição de redes. Em segundo lugar, discuto como metodologicamente tenho seguido os rastros dos atores, a fim de reconstituir suas redes, demonstrando a aparição do “digital” como espaço e práticas sociais relevantes para isso. Em terceiro lugar, argumento sobre o lugar que o digital tem ocupado na cultura contemporânea e as possibilidades e experiências etnográficas para segui-lo.


**Palavras-chave:** corporalidade. Ciborgue. Etnografia digital. Teoria ator-rede.

### **Sobre a natureza, cultura e os limites do corpo na modernidade**

Quais são os limites do corpo? Quais são os limites metodológicos das pesquisas sobre corpo e cultura? Essas perguntas têm iluminado muitas reflexões da modernidade, em especial, marcadas pela racionalidade científica. Via de regra, o que baliza essa inquietação se refere aos limites biofísicos do corpo humano e a reflexão de até onde a racionalidade pode leva-lo a desempenhar performances limites, circunscritas a uma

---

<sup>1</sup> É professora da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), dos cursos de Educação Física e do Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Educação Física. É doutora (2016) e mestra (2012) em Educação Física na Universidade Estadual de Campinas. É integrante do Centro de Estudos em Sociologia das Práticas Corporais e Estudos Olímpicos (CESPCEO) - UFES.



natureza específica e determinada (BENJAMIN, 2002). Nessa leitura, o ímpeto para desenvolvimento desses limites e o estiramento dessas fronteiras circunscreve o ser humano, dotado de racionalidade e cultura, dominando sua natureza intrínseca, controlando o imponderável e o instituído da ordem natural.

Essa compreensão, ancorada nos limites do corpo, tem como um pressuposto a ideia de que há uma clara separação entre natureza e cultura. Em outras palavras, pressupõe que há no corpo uma fronteira entre aquilo que é da ordem natural e, portanto, não controlável; e aquilo que é da ordem simbólica, que é constituído, transformável. Esse modelo trata a dicotomia ‘natureza/ cultura’ como lados de um pêndulo que oscila entre a continuidade e a descontinuidade. Tal conflito, cuja implicação é de que um lado dominaria o outro, também marcou o desenvolvimento da disciplina antropologia. Nessa lógica, a *natureza* humana é tratada como uma continuidade da qual a cultura seria um prolongamento. Essa ênfase no sentido biológico faz com que, mesmo que possam existir associações não humanas, estas não seriam objeto da antropologia e da sociologia. Para essas disciplinas, o sentido simbólico e moral é posse apenas dos seres humanos, de modo que só esses poderiam formar sociedades. Dessa forma, apenas os seres de natureza humana possuem cultura, e nela se sobrepõem questões econômicas, populacionais, culturais e territoriais.

A dicotomia acima também produziu outra ruptura, que se refere à forma de classificação das sociedades, como “nós” e “outros”, um grande divisor que singularizou o Ocidente Moderno frente às demais sociedades humanas. Estas se relacionariam ainda com uma dicotomia *cultura/ natureza*, uma vez que “os outros” se constituiriam de estados mais naturais (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 307). Este contraste contaminou a antropologia de modo que apresentou uma concepção de sociedade como *condição problemática*, algo que exige explicação. Segundo o autor, isso ocorre em função da ideia “de que a sociedade se constitui real ou formalmente a partir de *indivíduos associativos*, que devem ser ‘socializados’, (...) que resistem a essa constrição por uma manipulação egoísta das normas ou pela regressão imaginária a uma liberdade original” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p.312). Isso significa que a dicotomia natureza/cultural promoveu outra polarização, entre sociedade e indivíduos.

Desviar de uma visão centrada em estruturas socializáveis dentro das quais os indivíduos se inserem foi a perspectiva metodológica tem sido o projeto teórico de Bruno Latour (2008). Para o autor, a tarefa fundamental dos estudos da sociologia e da antropologia, neste caso, não são as estruturas ou a sociedade enquanto tal, mas as

associações. O/a pesquisador/a deve seguir os rastros das associações criadas e criadoras dos/as atores (LATOURE, 2008). A decorrência metodológica dessa afirmação é que “não é necessário colocar as organizações em um ‘marco social mais amplo’ já que por si mesmas dão um sentido muito prático ao que significa estar incluído em um conjunto de coisas mais amplo” (LATOURE, 2008, p. 22).

Enquanto que com o primeiro enfoque [no social, relativo ao humano] toda a atividade poderia ser relacionada com os mesmos agregados sociais que se encontram detrás de todas elas, e ser explicadas ademais por esses agregados; na segunda versão da sociologia nada há detrás de essas atividades, mesmo que poderiam estar vinculadas de um modo que pode ou não produzir uma sociedade. Tal é o ponto fundamental de distanciamento entre as duas versões. Ser social já não é uma propriedade segura e não problemática, é um movimento que pode não rastrear novas conexões e pode não redesenhar nenhuma montagem bem formada (LATOURE, 2008, p. 22-23).

Para este autor, “o que há sido chamado de ‘explicação social’ há se tornado uma maneira contraproducente de interromper o movimento das associações ao invés de retoma-lo”, porque exclui outras possibilidades de associação das descrições e interpretações (LATOURE, 2008, p. 22-23). A pesquisa sobre o social, na perspectiva do autor, deve extrapola-lo em seus limites tradicionais. Deve partir dos “rastros que [são] deixados [pelos atores] (ao enfrentar provas) quando se está produzindo uma nova associação entre elemento que em si mesmos não são ‘sociais’ em nenhum sentido” (LATOURE, 2008, p. 23). Por isso, é fundamental a tarefa de descrever as relações que foram abruptamente encerradas pelas ideias de socialização e pelo enquadramento em um social cujos limites físicos e teóricos já eram definidos a priori.

Essa crítica ao social engendra a crítica às dicotomias natureza/ cultura e indivíduo/ sociedade, problematizando profundamente os limites do corpo. Nesse sentido, os limites do corpo não se encerram na dimensão do biológico, da racionalidade físico-biológico-médica, esteira comum da discussão de Donna Haraway (2009) sobre o corpo ciborgue. Para a autora, o ciborgue representa uma guerra de fronteiras, entre organismo e máquina; de produção, reprodução e imaginação, de modo que a distinção entre natureza e cultura é reestruturada: “uma não pode mais ser o objeto de apropriação ou de incorporação pela outra” (HARAWAY, 2009, p. 39). O ciborgue transgride as fronteiras entre humano e não humano, entre pessoas e outros seres vivos, criando um acoplamento entre eles. Em outras palavras, o ciborgue é a própria associação entre actantes diversos. Por isso, as fronteiras entre o físico e o não físico tornam-se imprecisas, uma vez que as máquinas estão cada vez mais distribuídas no espaço e cada

vez mais invisíveis. Máquinas portáteis, móveis, fluídas, que se confundem na condição de humanidade na medida em que se integram por meio do ciborgue.

A figura do ciborgue, dessa forma, “significa fronteiras transgredidas, potentes fusões e perigosas possibilidades”, desafiando a distinção natureza e cultura, mas também as percepções congeladas sobre sexo e gênero que circulam nos discursos culturais que naturalizam as diferenças humanas (HARAWAY, 2009, p. 45). Essa condição de fronteira vivida por corpos não normativos tem mais explicitamente sido aceita (e compreendida) na imagem daquelas pessoas deficientes físicas que vivem com uma prótese. Todavia, essa é uma condição que se disseminou na contemporaneidade, “tão diluída como um éter que se dissipa no ar”. A partir dessa transformação, a autora pondera que técnica não implica mais dominação sobre a natureza de um corpo orgânico que possa (ou não) resistir a ela. Em vez de falar de dominação da natureza como fim último da “racionalidade humana”, a autora evoca as pessoas a tentarem experimentar “a luta por outros significados, bem como para outras formas de poder e prazer em sociedades tecnologicamente mediadas” (HARAWAY, 2009, p. 45).


Essa reflexão estende as possibilidades de compreensão do corpo, já que a humanidade deste corpo pode ser composta também por próteses, por meio das quais podemos experimentar relações, prazeres e associações. Corpos que não são naturalizados em sexos destinados desde o útero. Miskolci (2017) descreveu que, na experiência de relacionamentos permeadas por aplicativos digitais, os celulares e dispositivos móveis, se apresentam como próteses por meio das quais pessoas experimentam os prazeres. Essa concepção estende as possibilidades de associações a níveis antes não imaginados, não se circunscrevendo mais ao humano de uma natureza organicamente definida; não se trata mais de um social, que se contrapõe a outros domínios hierarquicamente; e não expõe um real, que se sobrepõe a qualquer outra esfera virtualmente indefinida. Por essa via, expandem-se os limites do corpo e da pesquisa sobre corpos, já que essas não mais se limitam ao social apartado do físico, nem a um físico que se explica autonomamente às relações, à cultura – cuja distinção é possível de ser operada. Todas essas esferas estão intrinsicamente e organicamente relacionadas, de modo que a compreensão delas se confunde, se sobrepõe e se soma. Formam novos híbridos por meio dos quais experimentamos todas as dimensões da vida, dos prazeres às socialidades diversas e fluídas. Esse deslocamento do olhar sobre os limites dos corpos implica mudanças interpretativas e metodológicas na forma de descrevê-los e segui-los. Essas implicações teórico-metodológicas dizem respeito a

construir as redes a partir de rastros, mapeando fluxos e empurrando fronteiras, algo que devem estar no horizonte etnográfico contemporâneo, como desenvolveremos a seguir.

**Fluxos, rastros e fronteiras: atores ciborgues, actantes, próteses de corporalidades no movimento de pesquisa.**

As definições totalizantes que visam inserir corpos distintos dentro de um mesmo denominador comum – seja ele natural *ou* cultural – não parecem contribuir para ser muito produtivas para compreender as escolhas, os comportamentos e as experiências dos atores, uma vez que deixam de fora diversas possibilidades de associações no processo descritivo. Ponderação essa que pode ser partilhada com Magnani (2005), quando o autor pondera que mais do que enquadrar as pessoas numa categoria ou condição, seria mais interessante privilegiar sua inserção na cidade, rastreando onde eles circulam, se encontram e estabelecem relações de troca e de conflito. Para o autor, essa escolha permite articular comportamentos e espaços, dando mais atenção para as relações e para as permanências e regularidades, em vez de falar do consumo, da fragmentação e do nomadismo (MAGNANI, 2005). Para tanto, o autor remonta as categorias de pedaço, mancha, circuito, trajeto e pórtico, como elementos que permitem generalizar as experiências e os fluxos na cidade.

Partindo dessa ideia, todavia, podemos estender a ideia de fluxo ao corpo, cuja a circulação não se resume apenas às esferas do “real” e do “orgânico”, pautada nas separações entre o corpo biológico e a tecnologia. No novo ecúmeno global de Hannerz (1992) essa perspectiva toma protagonismo, cujas vidas apresentam-se de forma sincréticas, translocais, multiculturais e neotradicionais. Segundo Hannerz (1992), os seres humanos são conectados por uma complexa rede de relações sociais, cujo olhar deve atentar-se à agência individual na organização social do significado. Para o autor, é importante, no estudo das redes, perceber a noção da agência individual a partir da perspectiva da pessoa na experiência da rede (HANNERZ, 1992, p. 42). As corporalidades são diversas e os significados são distintos, o que leva as pessoas a escolhas diferentes. Os signos não são distribuídos igualmente entre si e, na medida em que as pessoas são ligadas por redes de maneiras distintas, se produzem diferentes símbolos e significados. Nesse sentido, a extensão do corpo e a complexidade do mesmo e suas relações possuem significados localizados, translocados e exprimem possibilidades infinitas.



Essa complexa teia de relações que se materializa nos corpos implica uma variedade de paralelos e conexões entre territorialidades, de modo que a cultura pode ser apropriada de forma distinta em diferentes tempos e espaços. A partir dessa noção, Hannerz propõe falar de cultura em fluxo, tratando de dimensões geográficas e contemporâneas dos encontros entre as corporalidades (HANNERZ, 1997, p. 9). Isso significa também que, espacial e temporalmente, as culturas estão em constante movimento e são sempre recriadas. Nessa constante recriação, alguns significados podem tornar-se duradouros, mas isso não anula a condição de fluxo. De modo que, mesmo as mais estáticas representações se apresentam em movimento na cultura. A partir dessa noção, também se recriam as possibilidades de usos e apropriações, bem como traduções dos corpos e de suas relações.

Em fluxo, as fronteiras podem ser problematizadas, inclusive aquelas que limitam os corpos. Segundo Hannerz, quando nos remetemos às fronteiras não tratamos de linhas nítidas, mas regiões “nas quais uma coisa gradualmente se transforma na outra, onde há indistinção, ambiguidade e incerteza” (HANNERZ, 1997, p. 20). As fronteiras também implicam zonas de contato e, portanto, de trocas, representam regiões onde se entrecruzam culturas dinamicamente. Essa condição da fronteira faz com que nela se possa explorar mais criatividade, já que são permeadas por deslocamentos situacionais e combinações inovadoras, havendo mais espaço para ação e agência no manejo da cultura (HANNERZ, 1997, p. 24). As zonas de fronteira possibilitam a criação de híbridos, como possibilidades de mistura. Ao mesmo tempo em que essas zonas de fronteira trazem riscos de perda de auto reconhecimento e de identidade, de deculturação e de desumanidade, inovam corporalidades e tensionam os limites do humano/ não humano e do normal/anormal.

Nessa esteira, para seguir o rastro de corpos, compreendê-los, observar suas associações, a primeira tentação a evitar é a de defini-los a partir de barreiras fixas – o que é natural ou não natural. Isso implica apostar numa compreensão de corpo cuja fronteira não é a pele (HARAWAY, 2009), esta última sendo uma zona de encontro, de formação de híbridos. Na contemporaneidade, das próteses digitais, essa perspectiva parece ser bastante potente. Para isso é necessário deslocar a forma de interpretar e de descrever. Essa reorganização metodológica encontra um possível caminho nas apostas de Latour sobre a Teoria Ator Rede.

A teoria Ator Rede descarta antigas fronteiras rigidamente definidas, como aquela entre descrição e teoria ou entre humanos e não humanos. Para Latour, o método

não implicaria numa noção de teoria anterior que explicaria o que seria visto no mundo empírico. Teoria é apenas um indicativo metodológico, voltado a enxergar as relações.


Trata-se metodologicamente de

seguir os atores mesmos, tratar de pôr se em dia com suas inovações frequentemente alocada, para apreender de elas o que se converteu na existência coletiva em mãos de seus atores, que métodos têm elaborado para fazer todo o encaixe, que descrições poderiam definir melhor as novas associações que tem sido obrigados a restabelecer (LATOURE, 2008, p. 28)

Importante relacionar essa discussão metodológica com a crítica empreendida por ele à definição de social, pois, descrever as relações entre atores nesse caso não restringe apenas às relações circunscritas ao social. Tal como descrito por Ingold (2008, p. 213-214), as relações se dão entre diferentes atores e *actantes*, de modo que a agência não é exclusiva de atores humanos, mas distribuída por toda a rede, formada pela colaboração.

A empreitada postulada por Latour é que se deve abandonar a taquigrafia conveniente do social, que oferece símbolos predestinados para pensar o ‘reino do coletivo’, e substituí-la pela dolorosa e custosa escrita não taquigráfica das associações (LATOURE, 2008, p. 27). Interessante a metáfora da taquigrafia, como forma de relato baseada em símbolos e abreviações. Latour defende, ao contrário, intensas e densas descrições. São as descrições que demonstram o que os atores fazem. E são os atores que fazem tudo, “inclusive seus próprios quadros, suas próprias teorias, seus próprios contextos” (LATOURE, 2006, p. 343). Deste modo, a descrição conteria o rastro dos atores e de suas associações, contendo nela suas próprias explicações. Não haveria nada a ser descrito pelo sociólogo/a ou antropólogo/a que não as associações. Nada além do objeto, cujo texto traçaria o movimento de criação dessas redes. Redes estas, cuja realização é sempre precária e parcial “em constante ordenação, na medida em que a ordem é um efeito, sendo produzida pela estabilização parcial de significações heterogêneas” (AMANTINO-DE-ANDRADE, 2004, p. 6). A rede ganha materialidade na coocorrência de situações, sempre contextuais, e acompanhada de contingentes significados e translações. Isso significa que, no processo de descrição da mesma, não é possível traçá-la sem demonstrar seu movimento, que se lança na agência de atores e actantes.

Nesse sentido, traçar essa rede de associações implica perceber sua constituição se dá não apenas por humanos, mas também pela forja de não humanos – que ajudam a compreender as interações, as contingências e as associações. Nesse sentido, uma



abordagem mais etnográfica permite observar essas redes, que só podem ser vistas como corporalidades em movimento, no acontecimento e em sua dinâmica de contingência e de interação. Esse movimento dos corpos, por seu lado, já não parece mais se circunscrever a um espaço geograficamente recortado, conforme apontam Magnani (2005) e Hannerz (1997), se fazendo necessário também observar os fluxos e deslocamentos.

Tal perspectiva acompanha as ponderações de George Marcus (1995) acerca da compreensão do campo de pesquisa como multisituado. Para o autor, o campo etnográfico ocorre em diversos lugares e em situação de simultaneidade. Se o campo não existe como um *a priori*, pois é sempre construído pelo/a antropólogo/a (MAGNANI, 2005; LATOUR, 2006), portanto, seu recorte não é algo estável, mas parte de um processo em que o antropólogo/a segue o rastro das corporalidades e lhes atribui significado, coerência e ordenação. Para traçar o campo, é fundamental reconstituir a rede e, nesse sentido, seguir corpos, coisas, metáforas, conflitos, alegorias ou vidas (MARCUS, 1995). A partir da noção de Haraway (2009), seguir as corporalidades implica descrever os corpos em sua indistinção entre as faces orgânica e não orgânica, observando suas ambiguidades e hibridez. Essa decisão metodológica, na contemporaneidade, tem conduzido pesquisadores/as a considerar o digital como parte da corporalidade, um agente ou actante que produz interações e constitui essas interações. Ou seja, o digital também é parte da rede que está sendo traçada, possui agência e produz significados e translações. Por essa via, cabe explicitar como o digital pode ser traçado, seguido e descrito no processo etnográfico das corporalidades.

### **Corporalidades digitais: etnografias conectadas das práticas cotidianas**

Quando falamos em etnografia, estamos nos referindo a um escrever sobre as pessoas, sobre a vida vivida e experimentada (INGOLD, 2016). Etnografar implica em um comprometimento aberto e de longo prazo com as pessoas com as quais você escreve. Etnografia não é o mesmo que observação participante, não é uma técnica de pesquisa qualitativa, não é um estudo de campo. Ingold (2017) extrapola esse argumento ao seu limite, afirmando que etnografia está além dos limites de uma técnica de coleta de dados, é uma prática educativa, com a qual a/o pesquisador/a escreve sobre as condições de vida possíveis neste mundo. Não se trata de concordar sempre ou mascarar a concordância, mas de argumentar em torno da experiência vivida.




Contemporaneamente, essa vida vivida tem sido permeada pela esfera do digital, já que este é parte de nossas práticas, nos orientam em diversas experiências.

Nesse contexto, o digital pode-se referir a três possibilidades distintas nos processos de pesquisa. A primeira é compreendê-lo como objeto, no qual se estuda o digital, o uso de certas tecnologias, as práticas online, a cultura tecnológica e as rotinas e economia política da tecnologia em nossa vida. A segunda delas refere-se ao digital como campo de pesquisa, no qual estudamos as plataformas como locais de observação para ver como as pessoas interagem. Ou seja, os custos e ganhos das plataformas tecnológicas. Por fim, podemos tratá-lo como ferramenta de pesquisa, por meio da utilização de meios digitais para realizar entrevistas, para criar grupos de interação, ambiente de campo (GOMEZ-CRUZ; ARDEVOL, 2013).

Compreender o digital como um campo e um meio de estudo etnográfico, implica trata-lo como um objeto de estudo, assim como também uma forma de recortar um campo. Um dos elementos centrais que têm emergido e dado origem aos estudos sobre o digital é a internet, que pode ser compreendida tanto como uma cultura (as formas de comunicação que ordem simbolicamente as relações nela) ou como uma prática (como um artefato cultural), como parte da vida que atravessa o digital, que não necessariamente se restringe a ele (GOMEZ-CRUZ; ARDEVOL, 2013).

A emergência da internet tem implicado novas formas de pensar o campo de pesquisa há pelo menos três décadas. Na década de 1990, a ideia de “virtual communities/ comunidades virtuais” emergiu para se referir ao modo pelo qual as pessoas criavam laços e se moviam que pareciam estar tão descolados do “mundo real” (GOMEZ-CRUZ; ARDEVOL, 2013, p. 30). A ideia da “life on the screen/ vida em tela”, de Sherry Turkle (1997), era de que havia identidades se desenvolvendo para além das corporalidades, afirmando uma noção de o que acontece na internet era apartado do mundo incorporado, o que pode ser bem descrito na vinheta de Peter Steiner, cujos dizeres afirmavam que “na internet, ninguém sabe que você é um cachorro” (ARDEVOL; GOMEZ-CRUZ, 2014, p. 4). Nesse momento, as pesquisas observavam essas identidades virtuais, baseadas nos textos e nas interações virtuais, a partir de observações da rede. Essas pesquisas iniciais tentavam descrever como a internet mudava as conformações de identidade e de self, problematizando-as frente aos constrangimentos da “vida real” (ARDEVOL; GOMEZ-CRUZ, 2014). Na medida em que essas pesquisas observavam a vida a partir de suas expressões “em tela”, o campo de pesquisas era recortado meramente dentro do virtual, dentro de uma única



comunidade de interação. O campo era restrito, o que dava margem para as interpretações produzirem uma série de postulados sobre os usos da internet. Um deles era da distinção entre o real e o virtual. O problema desse postulado é de que, em vez de ele ser assumido como um *a priori*, ele deveria ser explicado, na medida em que, se a separação existe, trata-se de uma “consequência performativa das ações dos atores que tentam tornar seu mundo virtual apartado do seu mundo real, englobando-os em domínios culturais distintos” (ARDEVOL; GOMEZ-CRUZ, 2014, p. 6).

Essa crítica a tais estudos ganha corpo nos anos 2000, de modo que essa visão mais “negativista” do virtual, que o via como algo apartado do “real”, como algo inventado, que substituíra relações “autênticas”, começou a perder espaço. As etnografias que emergiram demonstravam a pluralidade de possibilidades de relações, conexões e identidades que permeavam a internet e apontavam para algumas transformações importantes que as pesquisas deveriam atentar.

Nos anos 2000, Christine Hine apresentou a ideia de “virtual ethnography/etnografia virtual” (2000), enfatizando que a internet é parte da nossa vida cotidiana e que estudá-la é parte de pensar o campo da etnografia como um campo multisituado (MARCUS, 1995). A autora começou a pesquisar os diferentes contextos nos quais as pessoas utilizam as redes sociais e como interagem com essas plataformas, suas relações com os meios de comunicação de massa. O que ela percebeu foi que a comunidade recortada na pesquisa não pode ser encerrada numa mesma página ou local de interação. Nesse momento também, as pesquisas começavam a indicar as relações se movem entre as esferas online e off-line, embora vistas como distintas, formavam um contínuo. As interações virtuais permitiam criar vínculos para além daquele espaço e as tecnologias inseriram novas práticas sociais, que se movimentam nas diferentes esferas – não ficando mais restritos apenas à etnografia das telas (ARDEVOL; GOMEZ-CRUZ, 2014).

Mais tarde, essa visão deu cabo à ideia de etnografia conectada, implicando uma noção de socialidades midiaticizadas. Neste contexto que o virtual é substituído pelo digital, para enfatizar que não há uma separação entre o real e o virtual, como o nome parecia pressupor. Essa alteração investigativa adveio, sobretudo, com o crescimento das redes sociais, da rede sem fio, dos celulares e aparelhos tecnológicos (devices), de modo que nosso sistema comunicativo está digitalizado, midiaticizado. As mídias fazem parte da nossa vida cotidiana, integram nossos corpos, de modo que não vivemos com a mídia, mas no interior das mídias. Ou seja, não apenas se vive com a mídia, a gente vive

na/pela mídia. Em vez de focar nos efeitos das mídias para a vida cotidiana, os estudos enfocavam em como elas eram experimentadas na vida cotidiana.

O pressuposto dessa transformação, social e investigativa, é que as mídias e o digital têm uma relação intrínseca com a nossa agência, de modo que nós nos apropriamos e usamos esses recursos nas nossas práticas cotidianas de forma singular. As pesquisas, por essa via, começaram a focar como o digital era apropriado nas experiências e nas práticas cotidianas. Deste modo, os campos de observação passaram a abarcar a vida cotidiana e integrar nossos corpos (GOMEZ-CRUZ; ARDEVOL, 2013).

Nesse sentido, a distinção entre o online e o off-line passa a não ser produtiva. Portanto, seguir pelos celulares ou devices implica atravessar muitas esferas da vida. As esferas online offline tratam de diferentes formas de envolvimento e de presença social, o que implica que as pesquisas se movem entre diferentes contextos (GOMEZ-CRUZ; ARDEVOL, 2013). Deste modo, as mídias aventam “uma nova esfera relacional, cujos horizontes, regras e também limitações estamos descobrindo ao mesmo tempo em que nela adentramos” (MISKOLCI, 2017, p. 22). Essas novas práticas definem um contexto não só de transformações tecnológicas, mas sociais, cujas relações mediadas criam outros limites e fronteiras para as corporalidades. Esse desafio às fronteiras tradicionais aparece até no nosso vocabulário. Conforme salienta Miskolci (2017), é cada vez mais comum ouvirmos expressões como “estou sem bateria” ou “estou com pouco sinal”, que denotam a extensão do celular na nossa corporalidade. Nesse sentido, conforma o diagnóstico de Donna Haraway (2009), torna-se praticamente indistinguível, inclusive para os atores, sua relação com outros actantes, de modo que esses passam a compor nossas corporalidades e nossas redes, e são permissíveis a muitas possibilidades de translações.

Essa perspectiva de etnografia digital – integrando o digital como parte das corporalidades – conecta o recorte e o contexto de estudo com os meios de pesquisa. Certa vez, quando realizava uma entrevista como uma torcedora de futebol e comecei a questioná-la sobre sua atuação nos estádios, ela começou a me mandar vídeos para mostrar seus cânticos delas; outra vez, uma interlocutora me recomendou páginas da internet que “referendavam” seus relatos. Ou seja, ao falar sobre suas experiências como torcedoras, elas se remetiam às imagens, aos *memes*, às *hashtags*, aos vídeos promocionais, às postagens e às interações que promoviam via redes sociais. Com isso, pude perceber como a experiência dessas torcedoras são práticas sociais inseridas

no/pelo digital. Sua corporalidade torcedora é imbuída de celulares, de suas performances no *twitter*, de seus registros fotográficos e filmicos nos estádios.

De uma certa perspectiva, por conseguinte, se pensamos a etnografia como uma forma de educação, de promoção de transformações no sentido de ser (INGOLD, 2017), talvez uma das lições que as etnografias digitais estejam nos dando é que vivemos de fato um momento em que as tradicionais dicotomias não são produtivas em termos de reflexividade. Natureza e cultura; online e offline; humano e não humano, todas essas polarizações parecem não encaixar nas práticas cotidianas que vivemos e que estudamos. As etnografias *onlife* (GOMEZ-CRUZ; ARDEVOL, 2013) têm apontado para as distintas formas como o digital e as mídias são apropriadas e constituem nossas corporalidades, rompendo com os *a priori* tradicionais que estabelecem, via-de-regra, julgamentos pejorativos a esses tipos de interação.

Nesse sentido, trata-se de repensar as relações entre ciência e tecnologia, recusando julgamentos demonizadores sobre a segunda e, conforme aponta Haraway (2009, p. 92), de “abraçar a habilidosa tarefa de reconstruir as fronteiras da vida cotidiana, em conexão parcial com os outros, em comunicação com todas as nossas partes”. Ciência e tecnologia são tanto fonte de dominação, como fonte de prazeres, de expansão da nossa corporalidade. Não cabe culpá-las por deformar situações que emergem de contextos políticos e sociais hostis, porque, conforme alertou Miskolci (2017, p. 286), “elas efetivamente permitem encontros e, segundo, porque não lhes cabe transformar as condições políticas em que vivem seus usuários”. Ao entrarmos em campo nas corporalidades midiaticizadas, digitais, nos deparamos com um contexto que borra as barreiras entre produtor e consumidor de mídias, uma vez que essas se tornam práticas cotidianas, o que implica uma série de elementos novos para o debate sobre identidade, livre expressão e democracia. Tais corporalidades permitem olhar também para as relações assimétricas de poder e seus efeitos, para o conflito de valores e os desafios de transformações.

Nesse sentido, em vez de nos depararmos com essas tecnologias e vislumbrarmos a decadência do espaço público e das relações sociais “autênticas”, visão esta imbuída de nostalgia e saudosismo, podemos mirar para a criação dessas novas corporalidades, os novos limites das fronteiras do corpo e de suas performances, expandindo nossos contextos de práticas, de ação, de redes e de significações. Em vez de apenas enforcarmos na forma como o *big data* tem controle sobre nossa vida, a versão contemporânea e conspirativa do *big brother*, podemos investigar as

ambiguidades desse processo. A pesquisa etnográfica, como uma prática educativa, pode nos levar a esses rumos, de observar as ambiguidades, os movimentos, as translações e as novas possibilidades de condições de vida, de corporalidades e de sentidos que se avizinham, que desafiam nosso presente e apontam outros futuros.

### Referências

ARDÈVOL, Elisenda; GOMEZ-CRUZ, Edgar; Digital ethnography and media practices. In: **The International Encyclopedia of Media Studies: Research Methods in Media Studies**, Volume 7, 2014.

AMANTINO-DE-ANDRADE, Jackeline. Actor-network theory (ANT): uma tradução para compreender o relacional e o estrutural nas redes interorganizacionais?. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro , v. 2, n. 2, p. 01-14, July 2004 .

Benjamin

GOMEZ-CRUZ, Edgar; ARDÈVOL, Elisenda. Ethnography and the field in media (ted) studies: A practice theory approach. **Westminster Papers in Communication and Culture**, v. 9, n. 3, 2013.

HARAWAY, D. **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano / organização e tradução Tomaz Tadeu – 2. ed. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009.

HANNERZ, U. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. **Revista Mana** v. 3, n. 1, 1997.

HANNERZ, U. The global ecumene as networks of network. IN: KUPER, A. **Conceptualizing Society**. Londres, Routledge, 1992.

HINE, C. **Virtual ethnography**. London, UK: Sage, 2000.

INGOLD, T. Introduction (p. 47-49). IN: INGOLD, T. (org.). **1989 debate The concept of society is theoretically obsolete**. Key debates in anthropology. Routledge, London/New York, 1996.

INGOLD, T. When ANT meets SPIDER; social theory for arthropods. In: C. Knappett and L. Malafouris (Orgs) **Material agency: towards a non-anthropocentric approach**. New York: Springer, pp. 209-215. 2008.

INGOLD, Tim. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. **Educação**, v. 39, n. 3, p. 404-411, 2016.

INGOLD, Tim. Antropologia versus etnografia. **Cadernos de Campo (São Paulo 1991)**, v. 26, n. 1, p. 222-228, 2017.

LATOUR, BRUNO. Como terminar uma tese de sociologia: pequeno diálogo entre um aluno e seu professor (um tanto socrático). **Cadernos de Campo. Revista dos Alunos do PPGAS-USP** vol. 15, n.14/15, 2006.

LATOUR, BRUNO. **Reensamblar lo social: una introduccion a La teoria Del actor-rede**. Buenos Aires, Ediciones Manantial, 2008.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo soc.**, São Paulo , v. 17, n. 2, p. 173-205, Nov. 2005 .

MARCUS, George E. Ethnography in/of the world system: The emergence of multi-sited ethnography. **Annual review of anthropology**, v. 24, n. 1, p. 95-117, 1995.

MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line**. Belo Horizonte, Autêntica, 2017.

VIVEIROS DE CASTRO, EDUARDO. O conceito de Sociedade em Antropologia. IN: **A Inconstância da Alma Selvagem e Outros Ensaios de Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

#### **DIGITAL-EMBODIMENT:**


#### **ON RESEARCH METHODS OF THE ENCOUNTERS OF CYBORG DIGITAL BODIES**

**Abstract:** This article aims to challenge, on the methodological point of view, current ethnography researches on embodiment and its relationships in the current context. Crossed by the perspectives of embodiment and the new possibilities of experiences and relationships in current times, we outline digital ethnography as a way of follow the network of bodies in the construction of bonds, of meanings and identities. For this, we present the current discussion about embodiment, nature and culture, with its consequences for the constitution of networks. Secondly, we discussed how to follow actors and build the network in/throughout the digital. Third, we discuss the space that digital has occupied in the fieldwork and in the contemporary culture and the possibilities and ethnographic experiences to follow it.

**Keywords:** embodiment, cyborg, digital ethnography, actor-network theory.

#### **CORPORALIDADES-DIGITALES:**

## **SOBRE METODOLOGÍAS DE INVESTIGACIÓN DE LOS ENCUENTROS ENTRE CUERPOS-CIBORGS-DIGITALES**



**Resumen:** Este artículo problematiza metodológicamente retos etnográficos para la investigación sobre el cuerpo y sus relaciones en el contexto actual. A través de las perspectivas de corporalidades y de la reflexión sobre los cuerpos ciborg las nuevas posibilidades de experiencias y relaciones en la contemporaneidad, presentamos la etnografía digital, como una forma de aprehender la red de relaciones que los cuerpos establecen en la construcción de vínculos, de sentidos e identidades. Para ello, presentamos la discusión actual sobre cuerpos, naturaleza y cultura, con sus consecuencias para la constitución de redes. En segundo lugar, discutimos cómo seguir los rastros de los actores y constituir la red permeada por el digital. En tercer lugar, discutimos el lugar que el digital ha ocupado en la cultura contemporánea y las posibilidades y experiencias etnográficas para seguirlo.

**Palabras-clave:** corporalidade, cibernético, etnografía digital, teoría actor-rede.

**Recebido em:** 07/10/2019

**Aceito em:** 21/12/2019